

CONTRAPONTO

IDÉIAS — TENDÊNCIAS — NOVOS CAMINHOS

FUTURISMO

Uma proposta viável: educar o futuro.

Se você quer aprender francês, basta tomar uma pílula. Agindo diretamente nas zonas de aprendizado do cérebro e da memória, ela em poucos meses fará você ler sem dificuldade textos de Mollère, Proust, Camus. Em vez do exótico Tahiti, as férias serão localizadas na Lua ou em planetas em que o homem já tenha erguido suas colônias extraterrestres. Eleições? Um computador gigantesco de potencialidades mas de dimensões mínimas dará imediatamente o resultado dos votos de milhões de pessoas em qualquer democracia representativa do globo. As estradas de rodagem e as ferrovias já serão obsoletas, com veículos que se locomovem acima do solo. Os grandes fazendeiros disporão de vastas porções dos oceanos onde suas lavouras produzirão alimentos sintéticos para uma humanidade de bilhões de seres humanos.

Esse panorama não é extraiado de nenhuma obra de ficção científica mas espelha o futuro a médio prazo do homem comum em meados do século XXI ou daqui a 20, 30 anos apenas. Um grupo variado de pesquisadores norte-americanos e ingleses extrapolou que relações esse mundo novo poderá ter com a educação. O resultado é uma série desigual de ensaios futurísticos, enfiados sob o título de **Aprendendo para o Futuro**, vários autores, Editora Artenova, 407 páginas, Cr\$ 100,00. O mais fraco e sensacionalista, como de se esperar, é o de Alvin Toffler, o histórico autor de **Choque do Futuro**, uma obra tipicamente criada com os ingredientes do "best seller", de olho na caixa registradora, nas cátedras de Futurismo de universidades norte-americanas e no renome. Felizmente, Toffler se limita, neste caso, a coligir os estudos e publicá-los, o que já é um alívio para o leitor.

A premissa básica deste livro — que em muitos pontos se assemelha às perspectivas delineadas por Herman Kahn do Hudson Institute — é a de que qualquer ato praticado hoje carrega em si o perfil que o amanhã terá e, com talvez uma única exceção, o mais assombroso é que praticamente só um autor se refira à ideologia política como um dos elementos decisivos do futuro que se plasma agora.

Nessa manopla russa de altos e baixos, porém, destaca-se logo a constatação de Pauline Bart de que o machismo é um dos itens-chave a serem mudados incontinenti, caso a educação queira reter algum significado como explicação de um mundo ambiente que se atualiza repleto a mulher a um papel secundário e antinatural (Capítulo III, página 61). Analisando os modelos que são apresentados às meninas e aos meninos dentro da educação sexista, como ela a chama (e que numa tradução mais exata se definiria por educação discriminatória) ela conclui que os padrões femininos são todos passivos. A escola incute com maior vigor a imagem estereotipada da mulher frívola do lar: passiva, dócil, obediente, reproduzindo felizmente entre si, o leito conjugial, a televisão e o berço. De forma revolucionária, Pauline Bart investiga se a ciência que criou a pílula anticoncepcional e que desembrascou Armstrong na Lua não abolirá a maternidade como nós a temos conhecido milenarmente. Com o encurtamento do período de gestação, a inseminação artificial, o descredo crescente do casamento como instituição monogâmica, a mulher estará finalmente liberta da "carreira única" do casamento e da função única, a de ser mãe e esteio da família miniaturizada (ou nuclear) composta de pai, mãe e filhos. Terminará o verdadeiro cerco que uma sociedade de exploração faz à mulher, seja ao submetê-la a testes de aptidão concebidos para homens, seja no preconceito quanto à escolha da profissão ou da inferioridade intelectual pretensamente atribuída à mulher. Rotulada como mera consumidora "para o lar", ou usada como força de trabalho mais barata, a mulher continua a produzir abaixo de suas capacidades reais. No entanto, apesar de todas as resistências, uma feminista extremista como Shulamith Firestone traça um quadro oposto da mulher no futuro em seu livro, **Razões da Revolução Feminista**:

§ Sem limites para o exercício de uma profissão, a mulher, desde astronauta a matemática, organizará a sua vida anterior a reunião com



um homem em torno de sua realização pessoal no campo do trabalho.

§ Com o fim da sociedade de um esposo só, a mulher terá várias línguas e se erótico-sentimentais, inclusive homossexuais, chegando-se à abolição do nome de família para o bebê.

§ Comunidades espontâneas de pessoas que têm as mesmas afinidades abaterão as colônias e a mulher ficará o tempo que quiser, sem obrigações.

§ As uniões heterossexuais corresponderão a contratos de tempo limitado, o tempo necessário para dar estabilidade emocional às crianças, eliminando-se com isso o processo obsoleto do divórcio.

§ Pessoas de idades muito contrastantes poderão ter relações duradouras, já que o relacionamento será baseado no amor. As crianças, criadas fora do domínio despojado da mãe de nove meses, serão mais livres e vigiadas por um grupo de adultos, independentemente de ligações egoístas ou deformadas por visões de classe. Ela argumenta que como a energia atômica, o controle da fertilidade interessa diretamente à mulher e seu acesso à manipulação do seu corpo é uma tarefa de independência feminina altamente democrática: assim como a tecnologia deve estar a serviço do povo e controlada pelo povo, a sexualidade também não pode ser conduzida pelos tabus nem controlada à revelia do esclarecimento e do consentimento populares.

A educação, nesse processo radical de metamorfose dos padrões sociais, não pode continuar a refletir os valores das forças machistas e retrógradas que prevaleceram até hoje e que só tem conduzido a uma crescente neurose individual e a uma psicose coletiva. A educação só assumirá sua função quando apagar as etiquetas com que moças e rapazes são carimbados no ensino, de forma coercitiva e não mais em sintonia com a era cibernética.

Uma série de castrações idênticas é imposta aos pretos, conforme explícita o ensaio lúcido e objetivo de Alvin F. Pousaint. Demorando-se no choque entre a noção funda de inferioridade que é imposta desde a infância do negro por todos os meios da sociedade dominante e a

ética protestante que apresenta como recompensa do esforço individual o sucesso, a riqueza material, o prestígio, Pousaint insiste na conclusão já confirmada por vários estudos de psiquiatras que dissecaram o racismo: uma auto-avaliação depreciativa leva forçosamente a um desempenho inferior. Esse temor de ser intrinsecamente inferior é confirmado por testes médios e aqui se toca num dos pontos cruciais da avaliação de realizações e valores culturais: com a instituição de um modelo único, o branco de classe média, TODOS os desvios desse critério monolítico são considerados aberrantes mesmo quando ultrapassarem tais paradigmas médios, monocrômicos e ditatoriais. Pousaint também postula uma reviravolta de 180º na educação: só quando a escola negar tudo que a sociedade dominante afirma é que ela poderá ser útil ao segmento de cor da nação, aproveitando-se de inúmeros talentos hoje consumidos inutilmente pelo preconceito inibidor.

Wendell Bell, sociólogo da Universidade de Yale, é o único virtualmente a tocar no aspecto ideológico da educação. Ele concorda em condenar a visão estereotipada, do século 19, que as escolas e universidades ainda incutem nos estudantes no final do século 20, e faz a pergunta decisiva: não estarão os educadores machistas, brancos, norte-americanos, impondo um sistema de valores etnocêntricos, isto é que partem de premissas européias, como se a Europa fosse a única cultura diante de culturas plurais como as criadas milenarmente pela China, pela Índia, pelo Egito, pela bíblica Palestina? Ao forçar esse modelo homogêneo, a educação não estará recalculando valores e dando ênfase ao passado, como se o mundo da comunicação global de hoje ainda fosse a Europa medieval, sem acesso imediato a outras culturas simultâneas no espaço e no tempo?

Como consequência dessa inércia educacional, os conceitos políticos, econômicos, antropológicos, sociais passaram a ter por base o crescimento volumétrico de um país, sua produção, seu Produto Bruto Nacional, os deuses da Eficiência, do Lucro e do Crescimento (indiserminado), porém, são a antítese da liberdade e da democracia, já que visam o domínio de nações de todo o globo, organizadas como as camadas de castas pré-estabelecidas. A consequência negativa imediata é o hiato entre a renda das nações industriais e os países do Terceiro Mundo, a consequência a longo prazo é o fechamento de opções alternativas para o futuro.

diante da escala de valores prevalente, ele prossegue, se não assumem seu papel de coplasmadoras do futuro, já que o cientista social desempenha um papel, quer queira, quer não: seja aquiescendo diante da sociedade, seja contestando os valores de sua dissidência. As pesquisas encomendadas aos sociólogos ou a instituições dirigidas por cientistas sociais, desde psicólogos a comunistas e cientistas políticos, elas próprias sofrem a deformação dos conceitos elitistas que as regem:

"As necessidades institucionalizadas do governo, dos negócios, dos militares, dos sindicatos classistas, dos sistemas escolares e afins — e não as necessidades dos seres humanos — é que tem definido a maior parte dos problemas e moldado grande parte das pesquisas."

Levando sempre ao consenso e ao desejo de manutenção do status quo ou sua multiplicação, o paradigma monocrômico dos sociólogos ocidentais "tendeu em geral a varrer a mudança para baixo do tapete e, nos Estados Unidos, a retirar a ênfase ou atenuar o estudo da violência, da revolução das classes, da História, das elites e dos intelectuais, conforme Ralf Dahrendorf relaciona os "seis traços autênticos" da sociologia norte-americana, em contraste com a sociologia européia."

"Foda a educação deveria então ser redimensionada para que os estudantes 'aprendam a querer' e que significa a consciência de se dizer não à tecnologia quando esta se torna ameaçadora, de arcar com a liberdade e a responsabilidade de escolhermos um futuro melhor para os seres humanos sob o fardo da fome, da tirania política, das discriminações por sexo, raça, crença religiosa, idade, pois o mundo que virá e que já existe hoje nos laboratórios deve ser conhecido e moldado pelos que nele viverão no futuro. Abrir mão desta prerrogativa, ou melhor, deste direito básico,

equivaleria a optar por um futuro manipulado por técnicos behavioristas de que o controle do comportamento psicológico e da mente nos hospitais psiquiátricos da União Soviética, a bomba atômica e o Nazi-Fascismo são eloquentes prenúncios, trágicos exemplos, do que significa a omissão diante da barbárie armada tecnologicamente.

O educador Michael A. McDaniel, no capítulo VI, intitulado "O Currículo de Amanhã, Hoje" (página 131) insta para que as universidades de hoje antecipem o futuro dispondo de sete fatores variáveis de mudança. Verificando que em toda e qualquer sociedade estes sete elementos agem de forma decisiva ele sugere que as faculdades ensinem a projetar tais agentes em hipóteses de mudanças que serão preferidas ou afastadas segundo sejam mais ou menos benéficas e desejáveis para as sociedades humanas:

1) Estudo a variante demográfica. O acréscimo ou decréscimo de população tornam um país mais jovem ou mais sobrecarregado de consumidores que não produzem, alterando o equilíbrio entre moços e velhos ou no caso de migrações na composição de uma cidade como São Paulo ou Los Angeles.

2) Inovação tecnológica: desde a troca de cordas por arretes até a introdução da máquina xerox ou de computadores de última geração num país gera-se uma série de alterações na taxa de emprego, na elevação do nível de conforto, na celeridade de trocas e uniformização das sociedades através do avião, do trem, da tv.

3) Inovação social: esta rubrica inclui desde formas políticas novas, como a instituição do Congresso e do Senado, até o uso de tanques na forma de se desfazer uma guerra. Sua repercussão seria extremamente abrangente já que envolve a totalidade da população.

4) Desvios de valores culturais: pode ser sintetizado como a mudança de critérios de uma sociedade não necessariamente declarada abertamente mas implícitos e que gradualmente mudam como por exemplo o conceito da virgindade, o conceito de lazer trazido pela sociedade pós-industrial etc.

5) Desvios ecológicos: a poluição, a erosão, a desertificação que assolam o Brasil de hoje e seu impacto no legado para os brasileiros do século XXI tipificarão estes desvios de inovação decréscimo como potencialidade futurista etc.

6) Desvios de Ideia e Formação: a educação manejada por segmentos da sociedade, o alcance de melhores níveis educacionais a vários setores populacionais, a queda ou melhor qualidade do ensino são todos fatores mensuráveis para alteração de uma sociedade.

7) Difusão Cultural: Neste item, o autor engloba fatos contrastantes como a transferência de tecnologia ou uma invasão estrangeira, a guerra como a propaganda comercial ou política. O estudo acurado de todas estas variantes teria um propósito único, que sintetiza o do próprio livro.

"Os indivíduos maduros devem ajudar os indivíduos em maturação a mudar as instituições imaturas" ou como diz McDaniel: o conhecimento não deve conduzir à escolha não dos futuros prováveis mas dos futuros preferíveis.

P.S.: É pena que em um livro tão documentado e sério, a tradução de vez em quando atinja níveis insuperáveis de absurdo. A página 225, por exemplo, o tradutor Jorge Arnaldo Fortes escreve que "Neste capítulo, a Sra. Griffith, às vezes com a língua espetada na bochecha, conta como foi". Não se trata de uma catástrofe anatômica acontecida com a infeliz Sra. Griffith. A expressão "tongue in cheek" significa expressão-se com ironia ou de forma satírica e caricatural. Involuntariamente, a tradução se torna uma reforço do pano de fundo de todo o livro: a educação deve ser dirigida para melhorar todos os níveis da vida humana, inclusive, obviamente, o pagamento remunerador das traduções para obtenção de textos traduzidos que não causem contorções incompreensíveis na escala de compreensão do leitor que pagou pelo livro adquirido.

URBANISMO

As esculturas dos vazios da praça da Sé

JACOB KLINTOWITZ

para poucos acertos. Mas, como fazer diferente... é difícil estabelecer um critério quando se parte de vazios a ser preenchidos...

A justificativa da proposta é curiosa. Fala-se na significação urbanística da praça, da Catedral, do Palácio da Justiça. O que terão esses escultores, de filosofias diferenciadas e distantes umas das outras, a ver com a catedral? Depois, fala-se em estímulo criativo para o público. E em museu dinâmico. E em ponto turístico. Tantas palavras boas, sonoras, em torno de tão pouco. E, fantásticamente, acreditou-se que essas esculturas são emergentes de uma linguagem abstrata (Vlavianos, Stokinger, Valentim, abstratos?). Aliás, a referência será a obra abstrata de Giorgi, para variar, novamente colocada sobre um espelho de água. São conceitos bem escritos, estruturados, organizados. Pretender, entretanto, que eles sejam fiéis à realidade com que nos defrontamos é exigir demais, talvez.

Mas a própria proposta, sentindo a disseminação entre os convidados, manifesta a esperança de que "... a livre criatividade dos artistas brasileiros escolhidos, etc. e tal; o desafio

grupal de criarem esse texto poético, numa visualidade em que as obras se integrem..." Pobre esperança. Pois se não há um projeto central, orientador, um grupo de trabalho, ajuda de poderes paranormais? Certamente, podemos ter certeza, cada um vai colocar o seu trabalho dentro da linguagem, da linha e da temática a qual está acostumado. Na proposta fala-se, também, de escultores que utilizem a tecnologia nacional. O que será isso?

O texto diz apenas, como referência definidora, "meios e materiais em disponibilidade no País". Ora, esses meios não são de tecnologia criada entre nós. A tecnologia adotada no País, em grande parte, é oriunda de outros centros. Provavelmente está se falando no mármore de carrara que Bruno Giorgi utiliza. Ou, é possível, nas influências marcantes na sua carreira de escultores como Maillol, Brancusi e Moore. Ou Stokinger e sua influência de Armitage e Chadwick. De resto, influências perfeitamente legítimas e normais na arte, mas incapazes de satisfazer ao nacionalismo cultural tão em voga atualmente.

Tenho, é uma opinião pessoal, que é sempre melhor fazer desta maneira do que não fazer. Pois os nossos exemplos de inação, infelizmente, são muitos. Mas, é necessário notar, os erros de base também são muitos e repetitivos. Principalmente quando essas soluções parciais servem para disfarçar o indistânciavel, isto é, que o projeto arquitetônico — após a destruição de um local de alta tradição para a cidade! — não teve maior preocupação com os valores que se manifestam na convivência cultural e emocional. Essa nova praça da Sé, com o seu espetacular e decorativo arranjo de esculturas, parece-me, simplesmente, um brilhante plano de relações públicas.

